

TRADUÇÃO

**CONSTANT MASSORTE¹,
DE JEAN RICHEPIN**

TRADUÇÃO DE ANDRÉ LUÍS LEITE DE MENEZES E CHARLES VITOR BERNDT

André Luís Leite de Menezes

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

andreluisleite13@gmail.com

Charles Vitor Berndt

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Brasil

charlesatlantis@gmail.com

DOI: <https://doi.org/10.26512/caleidoscopio.v3i2.26628>

Recebido em: 13/08/2019

Aceito em: 01/11/2019

Publicado em dezembro de 2019

A Maurice Bouchor²

Agir ! Fazer o mal, desconhecendo o bem.³

(A. DE MUSSET).

O sr. e a sra. Massorte, casados por amor, desejavam apaixonadamente um filho. Como se a tão sonhada criaturinha quisesse apressar a realização de seus desejos, veio ao mundo prematuro. A mãe morreu no parto e o pai, não podendo suportar essa morte, enforcou-se em desespero.

*

Constant Massorte teve uma infância exemplar, mas infeliz. Passou o tempo de colégio a cumprir tarefas extras que não merecia, a receber socos destinados a outros e a ficar doente nos dias em que eram realizados os mais importantes exames. Terminou os

¹ É o primeiro dos quatorze contos da obra *Les morts bizarres* (1876). No francês, o conto se chama “Constant Guignard”, fazendo um jogo com a palavra “guignard”, isto é, “aquele que é perseguido pela má sorte” – segundo a 9ª edição do Dictionnaire de l’Académie Française. Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9G1720>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

² Respeitado poeta francês do final do século XIX, autor de *Les Chansons Joyeuses* (1874). Além de Jean Richepin, outro escritor a fazer dedicatória a Bouchor é Paul Verlaine, em seu soneto *Le chat noir*.

³ Tradução de “À l’action ! au mal ! le bien reste ignoré”, verso do poema *Les vœux stériles*, escrito por Alfred de Musset (1810-1857) e publicado na *Revue de Paris*, em outubro de 1830.



estudos com a reputação de dedo-duro e mandrião. Na época do Baccalauréat,⁴ fez a tradução do latim para seu colega, que foi aprovado, enquanto ele próprio acabou sendo expulso dos exames por ter copiado.

*

Primícias tão malfadadas na vida teriam tornado mau alguém de índole comum. Mas Constant Massorte possuía uma alma distinta e, convencido de que a felicidade é recompensa pela virtude, decidiu vencer a má fortuna por pura força do heroísmo.

Entrou para um estabelecimento comercial que pegou fogo no dia seguinte. No meio do incêndio, vendo a desolação de seu patrão, atirou-se nas chamas para salvar o caixa. Saiu com os cabelos queimados e os membros cobertos de ferimentos, mas conseguiu, correndo risco de vida, arrombar o cofre e retirar todos os conteúdos.

Porém o fogo os consumiu em suas mãos. Quando saiu da fornalha, dois guardas agarraram-no pelo colarinho. Um mês depois foi condenado a cinco anos de prisão por tentar surripiar, no momento oportuno de um incêndio, uma fortuna que não corria nenhum perigo no cofre à prova de fogo.

*

Uma rebelião aconteceu na casa de correção onde ficara detido. Querendo socorrer um carcereiro que estava sendo atacado deu uma rasteira nele deixando-o ser massacrado pelos rebeldes. Por isso, foi enviado para Caiena⁵ por vinte anos.

Impelido pela convicção de sua inocência, escapou, voltou à França usando outro nome, acreditando ter despistado a fatalidade, e novamente se empenhou em fazer o bem.

*

Num dia de festejo, viu um cavalo desgovernado arrastando uma charrete na direção da vala do baluarte. Atirou-se na frente do cavalo, o pulso torcido, a perna quebrada, uma costela partida, mas conseguiu impedir a queda inevitável. Só que o animal deu a volta e investiu no meio da multidão, atropelando um velho, duas mulheres e três crianças. Não havia ninguém dentro da charrete.

*

⁴ Série de exames feitos após o segundo grau escolar que dão acesso aos estudos universitários, similares aos vestibulares realizados no Brasil.

⁵ Caiena, capital da Guiana Francesa, servia como uma colônia penal, entre os anos de 1859 e 1953, por ser considerada uma região de difícil acesso e de onde era praticamente impossível escapar.



Desgostoso com esses atos de heroísmo, desta vez Constant Massorte decidiu fazer o bem discretamente e pôs-se a aliviar as misérias obscuras. Mas o dinheiro que dava às pobres donas de casa era gastado em cabarés pelos maridos; as roupas de lã que distribuía aos trabalhadores habituados com frio fizeram com que pegassem pneumonia; um cachorro errante que tinha resgatado transmitiu raiva para seis pessoas do bairro; e o militar substituto, que comprara para tirar um rapaz interessante do exército, vendeu ao inimigo as chaves de uma praça-forte.

*

Constant Massorte chegou à conclusão de que o dinheiro trazia mais prejuízo do que prosperidade e que em vez de disseminar sua filantropia mais valia concentrá-la em apenas uma pessoa. Então adotou uma órfã, sem beleza alguma, mas agraciada com qualidades as mais raras, e criou-a com todo o afeto que um pai pode dar. Que lástima! Foi tão bom, tão devotado, tão amável, que uma noite ela se jogou aos seus pés e confessou que o amava. Tentou fazê-la compreender que sempre a havia considerado uma filha e que se sentiria culpado de um crime caso cedesse à tentação que ela oferecia. Demonstrou, de um jeito paternal, que aquilo que ela tomava por amor era na verdade o despertar dos sentidos e, de resto, prometeu que obedeceria a esse aviso da natureza procurando-lhe o quanto antes um esposo digno dela. No dia seguinte, ele a encontrou estirada em sua porta com uma faca no coração.

*

Dessa vez, Constant Massorte renunciou ao seu papel de filantropinho⁶ e jurou para si mesmo que dali em diante, para fazer o bem, contentar-se-ia em impedir o mal.

Passando algum tempo, deparou-se por acaso com a trilha de um crime que um de seus amigos iria cometer. Poderia tê-lo denunciado à polícia, mas preferiu tentar estorvar o crime, sem perder o criminoso. Assim, envolveu-se intimamente com a ação que se preparava, conseguindo empunhar todos os fios dela e aguardou o momento ideal para frustrar o plano, tendo tudo arranjado. Mas o patife que ele queria poupar viu nitidamente qual era o seu jogo e combinou a trama de tal maneira que o crime foi cometido, o criminoso livre e Constant Massorte preso.

*

⁶ O texto original faz referência a Edmé Champion (1764-1852), também chamado pelo apelido de “petit manteau bleu” [pequena capa azul]. Ficou conhecido principalmente por suas ações filantrópicas e “sopas populares” que distribuía aos pobres na capital francesa durante a primeira metade do século XIX.



O requisitório do procurador geral contra Constant Massorte foi uma obra-prima da lógica. Trouxe à tona toda a vida do acusado, a infância deplorável, as punições, a expulsão dos exames, a audácia de sua primeira tentativa de roubo, a cumplicidade odiosa na revolta da casa de correção, a fuga de Caiena, a volta para a França sob o falso nome. Foi sobretudo a partir desse momento que o orador atingiu o mais alto grau de eloquência judiciária. Estigmatizou esse hipócrita da bondade, esse corruptor de famílias honestas que, para satisfazer suas paixões, enviava os maridos ao cabaré para beber com seu dinheiro, esse falso benfeitor que usava presentes nocivos para granjear uma popularidade maléfica, esse monstro disfarçado sob a capa de um filantropo. Aprofundou com horror a perversidade refinada desse celerado que resgatava cachorros raivosos para soltá-los nas pessoas, desse demônio que amava o mal pelo mal, que arriscava ficar estropiado ao parar um cavalo descontrolado, e para quê? Pelo apavorante gozo de vê-lo precipitar-se na multidão e atropelar velhos, mulheres e pobres criancinhas. Ah! Esse tipo de miserável era capaz de tudo. Sem dúvida nenhuma havia cometido muitos crimes que jamais seriam descobertos. Havia mil razões para acreditar que era cúmplice daquele substituto comprado por ele para trair a França. Quanto àquela órfã que ele havia criado, que fora encontrada, certa manhã, morta à sua porta, quem mais senão ele poderia tê-la assassinado? Esse assassinato era com toda a certeza o epílogo sangrento de algum desses dramas repugnantes feitos de vergonha, de devassidão e de imundície em que mal se ousa bulir. Depois de tantos delitos hediondos, nem precisou se alongar no último crime. Aqui, apesar das denegações impudentes do acusado, havia evidência absoluta. Era preciso, assim, condenar esse homem com toda a rigidez da lei. Punir de forma justa não seria punir o bastante. Tratava-se não apenas de um grande criminoso, mas de um desses gênios do crime, um desses monstros da malícia e da hipocrisia que nos fazem quase duvidar da virtude e perder a fé na humanidade.

Perante tamanho requisitório, o advogado de Constant Massorte só podia alegar loucura. Deu o seu melhor, falou de casos patológicos, dissertou sabiamente sobre a neurose do mal, retratou seu cliente como um monomaníaco irresponsável, como uma



espécie de Papavoine⁷ inconsciente, e concluiu dizendo que essas anomalias eram tratadas antes em Charenton⁸ do que na Place de la Roquette.⁹

Constant Massorte foi condenado à morte por unanimidade.

*

Homens de virtude, que o ódio pelo crime tornava ferozes, foram transportados de alegria e gritaram “bravo”.

*

A morte de Constant Massorte foi como sua infância, exemplar, mas infeliz. Subiu ao cadafalso sem medo e sem fingimento, o semblante tranquilo como sua consciência, com uma serenidade de mártir que todo mundo tomou por uma atonia de bruto. No momento crucial, sabendo que o carrasco era um pobre pai de família, sussurrou gentilmente que estava deixando-lhe toda a sua fortuna, de modo que o executor emocionado precisou valer-se de três golpes para cortar o pescoço de seu benfeitor.

*

Três meses mais tarde, um amigo de Constant Massorte ficou sabendo, ao voltar de longa viagem, do triste fim desse homem honesto, cujos méritos apenas ele conhecia. Para reparar, como podia, a injustiça do destino, comprou uma concessão perpétua, encomendou um belo túmulo de mármore e escreveu um epitáfio para seu amigo. No dia seguinte, morreu de apoplexia. Contudo, tendo as despesas sido pagas com antecedência, o guilhotinado ganhou seu sepulcro. Mas o obreiro encarregado de gravar o epitáfio tomou a liberdade de corrigir uma letra que estava deformada no manuscrito. E o pobre homem decente, incompreendido durante a vida, jaz na morte com este perpétuo epitáfio:

“AQUI JAZ CONSTANT MASSORTE
UM HOMEM DEMENTE”.

⁷ Referência a Louis-Auguste Papavoine (1783-1825), que recebeu pena de morte na guilhotina, acusado de ter assassinado cruelmente duas crianças no Bosque de Vincennes, jardim situado ao leste de Paris.

⁸ Hospício fundado pelos Irmãos da Caridade em 1645, nas proximidades de Paris, conhecido por seus métodos de tratamento mais humanitários e por abrigar personalidades conhecidas, como o Marquês de Sade.

⁹ Local para onde eram levados os acusados a serem guilhotinados.



CONSTANT GUIGNARD

À Maurice Bouchor

À l'action ! au mal ! le bien reste ignoré.

(A. DE MUSSET).

Les époux Guignard, mariés par amour, désiraient passionnément un fils. Comme si ce petit être tant souhaité voulait hâter l'accomplissement de leurs vœux, il vint au monde avant terme. Sa mère en mourut, et son père, ne pouvant supporter cette mort, se pendit de désespoir.

*

Constant Guignard eut une enfance exemplaire mais malheureuse. Il passa son temps de collègue à faire des pensums qu'il ne méritait pas, à recevoir des coups destinés à d'autres, et à être malade les jours de grande composition. Il finit ses études avec la réputation d'un cafard et d'un cancre. Au baccalauréat, il fit la version latine de son voisin, qui fut reçu, tandis que lui-même était expulsé des examens pour avoir copié.

*

De si malencontreux débuts dans la vie eussent rendu mauvaise une nature ordinaire. Mais Constant Guignard était une âme d'élite, et, persuadé que le bonheur est la récompense de la vertu, il résolut de vaincre la mauvaise fortune à force d'héroïsme.

Il entra dans une maison de commerce qui brûla le lendemain. Au milieu de l'incendie, comme il voyait son patron désolé, il se jeta dans les flammes pour sauver la caisse. Les cheveux grillés, les membres couverts de plaies, il parvint au péril de sa vie à enfoncer le coffre-fort et à en retirer toutes les valeurs.

Mais le feu les consuma dans ses mains. Quand il sortit de la fournaise, il fut appréhendé au collet par deux sergents de ville ; et un mois après on le condamnait à cinq ans de prison pour avoir essayé de s'approprier, à la faveur d'un incendie, une fortune qui ne courait aucun danger dans un coffre-fort incombustible.

*

Une révolte eut lieu dans la maison centrale où il était. En voulant secourir un gardien attaqué, il lui passa un croc-en-jambe et le fit massacrer par les rebelles. Du coup on l'envoya pour vingt ans à Cayenne.



Fort de son innocence, il s'évada, revint en France sous un autre nom, pensa qu'il avait dépisté la fatalité et se remit à faire le bien.

*

Un jour, dans une fête, il vit un cheval emporté qui entraînait une voiture droit dans le fossé du rempart. Il se jette à la tête du cheval, a le poignet, tordu, la jambe cassée, une côte enfoncée, mais réussit à empêcher la chute inévitable. Seulement, l'animal rebrousse chemin, et va s'abattre au milieu de la foule, où il écrase un vieillard, deux femmes et trois enfants. Il n'y avait personne dans la voiture.

*

Dégoûté cette fois des actes d'héroïsme, Constant Guignard prit le parti de faire le bien humblement et se consacra au soulagement des misères obscures. Mais l'argent qu'il portait à de pauvres ménagères était dépensé au cabaret par leurs maris ; les tricots qu'il distribua à des ouvriers habitués au froid leur firent attraper des fluxions de poitrine ; un chien errant qu'il recueillit donna la rage à six personnes du quartier ; et le remplaçant militaire qu'il acheta pour un jeune homme intéressant vendit à l'ennemi les clefs d'une place forte.

*

Constant Guignard pensa que l'argent fait plus de mal que de bien, et qu'au lieu d'éparpiller sa philanthropie, il valait mieux la concentrer sur un seul être. Il adopta donc une jeune orpheline qui n'était point belle, mais qui était douée des qualités les plus rares et qu'il éleva avec toutes les tendresses d'un père. Hélas ! il fut si bon, si dévoué, si aimable pour elle, qu'un soir elle se jeta à ses pieds et lui confessa qu'elle l'aimait. Il essaya de lui faire comprendre qu'il l'avait toujours considérée comme sa fille, et qu'il se croirait coupable d'un crime en cédant à la tentation qu'elle lui offrait. Il lui démontra paternellement qu'elle prenait pour de l'amour l'éveil de ses sens, et il lui promit d'ailleurs qu'il obéirait à cet avertissement de la nature en lui cherchant au plus vite un époux digne d'elle. Le lendemain, il la trouva couchée en travers de sa porte, un couteau dans le cœur.

*

Pour le coup, Constant Guignard renonça à son rôle de petit manteau bleu, et se jura que dorénavant, pour faire le bien, il se contenterait d'empêcher le mal.

À quelque temps de là, il fut mis par le hasard sur la piste d'un crime qu'un de ses amis allait commettre. Il aurait pu le dénoncer à la police ; mais il aima mieux tenter



d'entraver le crime sans perdre le criminel. Il se mêla donc intimement à l'action qui se préparait, parvint à en saisir tous les fils, et attendit le moment précis de tout déjouer en arrangeant tout. Mais le coquin qu'il voulait ménager vit clair dans son jeu, et combina l'affaire de telle sorte que le crime fut commis, le criminel sauvé, et Constant Guignard arrêté.

*

Le réquisitoire du procureur général contre Constant Guignard fut un chef-d'œuvre de logique. Il rappela toute la vie de l'accusé, son enfance déplorable, ses punitions, son expulsion des examens, l'audace de sa première tentative de vol, sa complicité odieuse dans la révolte de la maison centrale, son évasion de Cayenne, son retour en France sous un faux nom. À partir de ce moment surtout, l'orateur atteignit le plus haut degré de l'éloquence judiciaire. Il stigmatisa cet hypocrite de bonté, ce corrupteur de ménages honnêtes, qui pour assouvir ses passions envoyait les maris au cabaret boire son argent, ce faux bienfaiteur qui cherchait par des présents nuisibles à capter une popularité malsaine, ce monstre caché sous le manteau d'un philanthrope. Il approfondit avec horreur la perversité raffinée de ce scélérat qui recueillait des chiens enragés pour les lâcher sur le monde, de ce démon, aimant le mal pour le mal, qui risquait de se faire estropier en arrêtant un cheval emporté, et pourquoi ? pour avoir l'épouvantable jouissance de le voir se ruer dans la foule et écraser des vieillards, des femmes, de pauvres petits enfants. Ah ! un tel misérable était capable de tout ! Sans nul doute il avait commis bien des crimes qu'on ne connaîtrait jamais. Il y avait mille raisons de croire qu'il avait été complice de ce remplaçant acheté par lui pour trahir la France. Quant à cette orpheline qu'il avait élevée et qu'on avait trouvée un matin tuée à sa porte, quel autre que lui pouvait l'avoir assassinée ? Ce meurtre était à coup sûr l'épilogue sanglant d'un de ces drames infâmes faits de honte, de débauche et de fange qu'on ose à peine remuer. Après tant de forfaits il n'était même pas besoin de s'appesantir sur le dernier crime. Ici, malgré les dénégations impudentes de l'accusé, il y avait évidence absolue. Il fallait donc condamner cet homme avec toutes les rigueurs de la loi. On punissait justement, et on ne saurait trop punir. On avait affaire non-seulement à un grand criminel, mais à un de ces génies du crime, à un de ces monstres de malice et d'hypocrisie qui font presque douter de la vertu et désespérer de l'humanité.



Devant un pareil réquisitoire, l'avocat de Constant Guignard ne pouvait plaider que la folie. Il le fit de son mieux, parla de cas pathologiques, disserta savamment sur la névrose du mal, représenta son client comme un monomane irresponsable, comme une sorte de Papavoine inconscient, et conclut en disant que de telles anomalies se traitaient à Charenton plutôt que sur la place de la Roquette.

Constant Guignard fut condamné à mort à l'unanimité.

*

Des hommes vertueux que la haine du crime rendait féroces, furent transportés de joie et crièrent bravo.

*

La mort de Constant Guignard fut comme son enfance, exemplaire mais malheureuse. Il monta sur l'échafaud sans peur et sans pose, la figure tranquille comme sa conscience, avec une sérénité de martyr que tout le monde prit pour une atonie de brute. Au moment suprême, sachant que le bourreau était pauvre et père de famille, il lui annonça doucement qu'il lui avait légué toute sa fortune, si bien que l'exécuteur ému s'y reprit à trois fois pour couper le cou de son bienfaiteur.

*

Trois mois plus tard, un ami de Constant Guignard apprit en revenant d'un lointain voyage la triste fin de cet honnête homme dont il connaissait seul les mérites. Pour réparer autant qu'il le pouvait l'injustice du sort, il acheta une concession à perpétuité, commanda une belle tombe en marbre et écrivit une épitaphe pour son ami. Il mourut le lendemain d'un coup de sang. Néanmoins, les frais ayant été payés d'avance, le guillotiné eut son sépulcre. Mais l'ouvrier chargé de graver l'épitaphe prit sur lui de corriger une lettre mal formée sur le manuscrit. Et le pauvre homme de bien, méconnu pendant sa vie, gît dans la mort avec cette épitaphe à perpétuité :

CI-GÎT CONSTANT GUIGNARD

HOMME DE RIEN.



Biografia do autor

Poeta, dramaturgo e romancista, Jean Richepin, nascido na cidade de Medea, Argélia, em 1849, e filho de pais camponeses, scandalizou a recém-formada sociedade burguesa de Paris, na segunda metade do século XIX, com seu estilo de vida marginal que fugia das convenções sociais e culturais impostas naquele cenário decadente. Escritor prolífico, eleito membro da Academia Francesa em 1908, Richepin conheceu a fama em 1876, devido à publicação de um volume de poemas intitulado *La Chanson des gueux*, obra audaciosa para os parâmetros morais daquela sociedade – custando-lhe um mês de prisão, além de uma multa de 500 francos – em que ele retrata os pobres e demais excluídos da sociedade. Morreu em 1926 na capital francesa, deixando um importante legado literário.

A obra

A primeira versão de *Les morts bizarres* apareceu no ano de 1876, em Paris, sendo composta por uma coletânea de quatorze contos curtos¹⁰. Uma segunda versão, “aumentada” e “definitiva”, foi publicada em 1883, com um total de dezenove contos. Carregados de humor negro e de *nonsense*, os contos partilham em comum o fato de todos os protagonistas terem, ao final de suas vidas, uma morte derisória e absurda. O título de *Les morts bizarres* permite, antes de tudo, uma dupla leitura, certamente ambígua, já que o substantivo em francês “mort” pode fazer referência tanto ao indivíduo que morreu como à morte propriamente dita.

¹⁰ O conto que encerra este primeiro volume, “Deshoulières”, aparece na edição de 1969 da *Antologia do conto abominável*, com tradução de Aníbal Fernandes e publicada pela editora lisboeta Afrodite perseguida, na época, pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado e pela Polícia Judiciária por publicar obras consideradas “obscenas” em Portugal. No Brasil, os contos de Jean Richepin aparecem em pelo menos outras duas antologias: “O pintor dos olhos”, na antologia *Os mais belos contos terroríficos dos mais famosos autores*, publicada pela editora Vecchi na década de 1940, e “Mortos de bêbado”, na antologia organizada e traduzida por Camilo Prado, *O homem do Haxixe & outras histórias de Paraísos Artificiais*, publicada em 2014 pela editora Sol Negro. No mercado brasileiro, além desses contos, do escritor franco-argelino foi publicada, ainda, uma peça teatral intitulada “Dom Quichote”.

Projeto de Tradução

A tradução do conto “Constant Guignard” ofereceu um instigante desafio e uma valiosa oportunidade de (re)criação tradutória, devido a questões que iam desde o jogo de palavras presente no título, que é o nome epônimo do protagonista, até a ironia provocada com o trocadilho “homme de bien/rien”, o leve humor que percorre os parágrafos curtos, dando ritmo e fluidez à narrativa, as gírias e o vocabulário específico do século XIX, e as muitas referências a personagens e topônimos não tão conhecidos no contexto de chegada como no de partida. Logo, o projeto de tradução buscou, inicialmente, retomar algumas dessas importantes características, desses aspectos que dão cor e riqueza ao conto, de modo a tentar conceder ao leitor brasileiro uma sensação mais ou menos semelhante àquela que teria um leitor ao ler o texto original.

Com relação aos nomes de lugares citados no texto, as soluções variaram de acordo com o caso: para “Place de la Roquette”, optou-se por manter o nome da histórica praça em francês, reforçando na tradução uma marca “estrangeirizante”, enquanto que para “Cayenne”, capital da Guiana Francesa, recorreu-se ao nome aportuguesado, “Caiena”, já que se trata de um nome consolidado em nosso contexto. Há, ainda, referências a personalidades históricas como “Papavoine”, ao asilo de “Charenton” e ao “Baccalauréat”, dificilmente conhecidas por um leitor brasileiro não familiarizado com a cultura e história francesas. Assim, em vez de apagar tais referências, ou simplesmente “adaptá-las” ao contexto brasileiro, ou, ainda, explicá-las no próprio texto, a solução que se adotou foi preservá-las na língua de origem com notas de rodapé para melhor elucidá-las, uma vez que são fundamentais para a compreensão de certas passagens.

Outro ponto que merece destaque são os vocábulos “cafard” e “cancre”, que literalmente significam “barata” e “caranguejo”, respectivamente, empregados no texto em francês como gírias. De acordo com o Dictionnaire de l’Académie Française, “cafard”¹¹ seria usado como jargão escolar para se referir àquele ou àquela que maliciosamente “entrega” um colega, ao passo que “cancre”¹² seria o estudante que não gosta de trabalhar/estudar, que se nega a aprender. Traduzir esses termos de forma literal não faria sentido, já que nem “barata” nem “caranguejo” possuem a acepção apresentada no

¹¹ Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9C0141>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

¹² Disponível em: <<https://www.dictionnaire-academie.fr/article/A9C0475>>. Acesso em: 11 ago. 2019.



texto de partida. Uma boa alternativa seria “traidor” e “preguiçoso”, mas incompleta, a nosso ver, já que perderia o sabor informal que há no francês. Assim, optou-se por “dedo-duro” e “mandrião”, numa tentativa de preservar a marca “familiar” presente em “cafard” e “cancre”.

No que se refere ao título “Constant Guignard”, há de se esclarecer o jogo com a palavra “guignard”, sobrenome da personagem principal: seria uma derivação da palavra “guigne”, isto é, alguém que é perseguido pelo infortúnio, pelo azar, alguém que não tem sorte. O nome volta a aparecer várias vezes ao longo do conto, com o intuito de reforçar esse aspecto do protagonista, produzindo no texto um certo humor tragicômico. Manter o nome em francês, ainda que estivesse acompanhado de uma nota de rodapé explicativa, afastaria o leitor dessa leitura mais jocosa, natural, apagando a sutileza e o humor. Por isso, julgou-se necessário recriar um sobrenome que aludisse à “falta de sorte” e que fosse lido em português com a mesma dose satírica. Foi a partir dessa perspectiva que se formou a palavra “Massorte”, criada a partir do adjetivo “má” com o substantivo “sorte”, resultando assim, no nome “Constant Massorte”,¹³ mantendo, assim, a ligação com o nome francês “Constant” e preservando parcialmente a referência ao texto de partida.

Finalmente, o trocadilho presente no desfecho do conto, isto é, o epitáfio do protagonista, no qual deveria estar gravada a frase “homme de bien” [homem de bem], mas que acabou sendo interpretada (e conseqüentemente gravada), ironicamente, como “homme de rien” [homem de nada], configurou-se como o trecho mais problemático nesta tradução. O trocadilho, nesse caso, foi possível graças à similaridade do par “bien/rien”, em que a troca das letras “b” e “r” evoca palavras com sentidos distantes, provocando humor no texto. A tradução literal “homem de bem/homem de nada” perderia completamente o trocadilho. Por isso, foi necessário encontrar um outro par que carregasse semelhante efeito. Escolheu-se, então, adjetivar a frase do texto de partida, criando o par “decente/demente”. Apesar de não ser uma tradução próxima dos termos

¹³ Esta tradução teve, ainda, inspiração no sobrenome das personagens principais do romance *Levantado do Chão* (1980), de José Saramago: Mau-Tempo. No romance, os Mau-Tempo formam uma família de camponeses portugueses, explorados secularmente no latifúndio alentejano. Tal como no conto do escritor francês, em que “guignard” remete para o azar ou à falta de sorte da personagem principal, na narrativa do romancista português o sobrenome desta família de camponeses evidencia o seu destino trágico, as dificuldades e as penúrias que vivenciam em suas vidas. Percebe-se, ainda, que a ironia e o sarcasmo são uma marca inconfundível tanto do conto de Jean Richepin quanto do romance de José Saramago.



“bien/rien” do francês, pôde dialogar, até certo ponto, com o efeito cômico do trocadilho e reforçar a desgraça de Constant Massorte.

REFERÊNCIA

RICHEPIN, J. **Les morts bizarres**. Paris: Georges Decaux, 1876. Disponível em: <<https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/bpt6k64866558?rk=21459;2>>. Acesso em: 11 ago. 2019.

Biografia dos tradutores

André Luís Leite de Menezes é mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET), na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), na área de Teoria, Crítica e História da tradução. Graduado em Letras - Língua Francesa e Literaturas pela mesma instituição.

Charles Vitor Berndt é doutorando do Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Literatura pela UFSC. Bacharel e Licenciado em Letras - Língua Portuguesa e Literaturas pela UFSC. É Licenciado em Português pela Universidade de Coimbra (Portugal), através do Programa de Licenciaturas Internacionais (PLI) da CAPES e do GCUB (Grupo Coimbra de Universidades Brasileiras).